

O GENOCÍDIO INDÍGENA NA AMÉRICA LATINA (2-4)

OS MAPUCHES (2)

O segredo mais bem guardado do Chile(*)

1. Pablo Neruda e o *Canto General*. A omissão e o estigma dos historiadores

Depois daquela viagem à Província de Arauco, voltei a Santiago, gratificado pela beleza geográfica da região e profundamente marcado pela memória araucana. Isolei-me por um tempo na Biblioteca Pública de Santiago estudando sua história, biografias de Lautaro e relatos dos cronistas espanhóis sobre a conquista.

Foi lendo o longo poema épico *La Araucana*, que pude conhecer os primeiros passos da resistência araucana, contados por uma testemunha ocular dos fatos. Na verdade, uma distante e vaga lembrança me acenava através dos anos, impressa nas páginas do *Canto General* que eu lera em espanhol, no início da década de sessenta, no Brasil. No meio de centenas de personagens, -- que Neruda expõe em sua imensa galeria de heróis e bandidos que integram o perfil dos conquistadores, libertadores e traidores da história do continente -- lembrava claramente de sua honrosa referência a Castro Alves e Luiz Carlos Prestes, mas os nomes de

Lautaro, Caupolicán e Pedro de Valdivia somente agora soavam como uma vaga lembrança.

Devorando diariamente tantas páginas e demonstrando meu entusiasmo a alguns amigos chilenos, ficara sabendo que a memória araucana na obra de Ercilla já estava meio esquecida na cultura literária do país, quando o historiador Benjamin Vicuña Mackena (1831-1886) publica, no ano de 1876, em Santiago, seu livro *Lautaro*, reinterpretando sua imagem, a partir da narrativa do poeta espanhol. Considerado como um dos mais brilhantes intelectuais do século XIX, tanto Vicuña Mackena, como Diego Barros Arana, estavam entre os conhecidos historiadores que descrevem o índio com o estigma de “primitivos”, “desprovidos de desenvolvimento intelectual”, de “bárbaros” e até de “bandidos”. Mackena, no entanto, mostra uma grande admiração por Lautaro ainda que com seu discurso liberal e conservador procurasse desmistificar sua imagem, imortalizada por Ercilla. É o que ele expressa, no início da obra, ao afirmar que Lautaro tem sido visto como um nome muito mais lendário do que histórico, apresentando-se como um dos semideuses de Homero. E continua:

Nós nos apartamos dessa senda deslumbradora, porém enganosa. Queremos apresentar o herói araucano tal qual foi: índio bárbaro, vicioso, bravo, heroico, guerreiro de grandes dotes naturais, patriota sublime, -- tudo a um só tempo.¹

2. Fernando Alegria: *Lautaro, joven libertador de Arauco*

Na biblioteca também passou pelas minhas mãos o livro

Lautaro, joven libertador de Arauco, escrito por Fernando Alegria (1918 -2005). A obra, terceiro livro de sua admirável precocidade literária, narra, numa primorosa novela biográfica, a história guerreira do jovem general araucano. Sua notoriedade como poeta, novelista e crítico deram destaque a essa obra de sua juventude, publicada em 1943, em Santiago, traduzida para vários idiomas e sendo publicada no Brasil, em 1951. Fernando Alegria que além de escritor foi também diplomata, teve um importante papel na divulgação da cultura latina nos Estados Unidos, como representante do Governo da Unidade Popular. Seu poema *Viva Chile Mierda* foi um dos mais recitados durante o governo de Salvador Allende, sobre quem escreveu um livro.

Apesar de sua formação ideológica de esquerda, e o respeito com que esculpe a estátua guerreira de Lautaro, o que me parece estranho nas últimas páginas de seu livro são as colocações sobre a decantada “pacificação” do povo araucano. Escreve ele nas páginas 136/137 da edição brasileira:

Finalmente a guerra foi desaparecendo. Os espanhóis construíram famílias, misturando o seu sangue ao sangue nativo. Uma nova raça começou a se desenvolver; a solidariedade e a compreensão tomaram o lugar do primitivo ódio.” (...) “Desde então a união se tornou mais estreita e uma nova raça surgiu e cresceu. Com o heroísmo e a ânsia de liberdade dos araucanos e com a paixão pela aventura, a intuição e a fé dos *espanhóis, caldeou-se o povo chileno*”ⁱⁱ

Entendi, já naquela época, que não é essa a verdade dos fatos em relação aos mapuches/araucanos. Com exceção

dos sobreviventes diaguitas e picunches, etnicamente desintegrados pela assimilação, -- e identificados como os "rotos" no processo da independência e na Guerra do Pacífico, cuja integração cultural foi contrária aos interesses mapuches – constatei que não havia essa homogeneidade social generalizada, mas sim uma pontual diversidade cultural, marcada pelos mapuches de um lado, e os chilenos de outro. Havia sim um grande preconceito e desprezo pelas diversas etnias que povoavam o sul do Chile. Tais eram os fatos. Não havia o tal caldeamento e nem a desejável mestiçagem, já que os mapuches representavam 90% dessa diversidade na população indígena. Não havia, por certo, esse caldeamento em 1943, quando Fernando Alegria publicou seu livro sobre Lautaro e não era essa a verdade social quando estive pessoalmente na Província de Arauco, em agosto de 1969. Ainda que eu tenha sido um observador itinerante e minhas leituras sobre o tema não tenham abrangido um horizonte tão amplo, o isolamento do povo araucano nas montanhas era, então, uma constatação histórica e geográfica, bem como a tônica da sua situação social, como me foi contada pelos velhos moradores da cidade de Lebu.

Durante os quatro meses da minha primeira estadia no Chile, poderia contar nos dedos os cidadãos chilenos que, provocados pela minha curiosidade, falaram com interesse e conhecimento da história araucana. Foi muito triste constatar que a imagem de lutas do passado indígena do país não compunha a consciência nacional. Esse mito de uma raça homogênea, de que fala Fernando Alegria, não existia até então. A não ser como um mito mesmo, como uma imagem literariamente construída, e como tal desconhecendo a pluralidade cultural do país. Somente em nome dos que foram compulsoriamente aculturados, não se redime o genocídio do imenso número de massacrados e espoliados durante

quinzentos anos, e dos atuais sobreviventes, militarmente marginalizados por não renunciar a sua cultura. Longe de mim debitar esse crime ao povo chileno, vítima como todos nós, latino-americanos, de uma história oficial contada pelo liberalismo vencedor, e que só agora começa a ser reescrita para denunciar fatos tão infames – e como brasileiro quero citar aqui o nosso mais vergonhoso exemplo -- ante os interesses financeiros internacionais que armaram três países para destruir a prosperidade independente de uma nação e quase exterminar um povo de forte formação indígena, na Guerra do Paraguai. Acuso sim, aqueles que usaram os fóruns do poder e as páginas da história para silenciar a memória dos vencidos, porque a história oficial é, quase sempre, uma história falsa, maquiada por grandes omissões, pelo anonimato da bravura humilde, esquecida em nome de um enredo épico, onde se exalta apenas a aristocracia militar e os vultos do poder. O escritor uruguaio Eduardo Galeano resume, com a sugestiva imagem de uma festiva passarela de “heróis da pátria”, esta triste realidade cultural:

A história oficial latino-americana resume-se num desfile militar de próceres em uniforme recém-saídos da lavanderia.ⁱⁱⁱ

Opino sobre uma classe social que na história do Chile viveu acumpliciada com os opressores, não importando a dimensão desumana dos seus crimes e sequer a unanimidade mundial no julgamento dos seus últimos verdugos.

Na verdade, os chilenos, em sua maioria, cumprimos as disposições e decretos senhoriais: como frenéticos arrivistas envergonhamo-nos dos araucanos. Contribuímos, uns, em extirpá-los e, os

outros, em sepultá-los no abandono e no esquecimento.^{iv}

3. “Não somos um país de índios”

Apesar da ironia com que título este capítulo, quero acrescentar que:

En Chile existen comunidades cuya lengua, religión, valores e historia difieren del resto de la población. Desde hace siglos ocupan (y se identifican) con el mismo territorio. Se les conoce con el nombre de etnias indígenas: aymara, mapuche, qawasqar, yámana, quechua, colla, atacameños y rapa nui.

Culturalmente, los miembros de una etnia se perciben distintos y así son percibidos por los demás. Tienen conciencia de pertenecer a una comunidad cuya cultura nutre una suerte de “honor colectivo” que está por encima de consideraciones de clase, puesto que de él participa cualquier miembro del grupo étnico, al margen de suposición social.

El Estado chileno reconoce la existencia de etnias pero no de pueblos indígenas. (...) Como contrapartida, las organizaciones indígenas y los defensores de los derechos indígenas, plantean que las etnias sí constituyen pueblos, por historia, identidad étnica, religiosa, lingüística y territorial.^v

Na história dos povos sempre é o poder que privilegia uma determinada classe social ou uma nacionalidade étnica, em detrimento das demais, discriminando-as social, política e

economicamente e condenando-as à impotência, à exploração e à miséria.

Sin embargo, pese a siglos de discriminación etnocida y también genocida, las culturas indígenas no han desaparecido. En el último censo (1992), más de un millón de personas señaló sentirse identificado con alguna de las etnias indígenas que pueblan el territorio, principalmente la mapuche ^{vi}

Oprimidos pelo desprezo oficial os mapuches/araucanos pagam, na atualidade, um preço muito alto por resistir ao aculturamento. Um povo manipulado pela hipocrisia do poder e, nesse sentido, um povo sem imagem, sem nação, sem território, sem presente e sem futuro e a quem foi negada a memória nacional de suas lutas. Mas isso é apenas uma questão de tempo e de revisão crítica, porque a história do Chile, sem a saga araucana, não será história.

Pablo Neruda foi o que primeiro colocou o dedo nessa ferida secular e ainda aberta, mas convenientemente silenciada pela história do patriciado chileno. História ditada pelas oligarquias "patrióticas" para as quais os territórios "pacificados" dos araucanos foram inconfessavelmente distribuídos. A palavra "pacificação" quando se refere aos territórios indígenas do Chile é apenas um eufemismo, um discurso hipócrita dos epígonos do colonialismo, que já não resiste à crítica e ao julgamento inexorável do tempo. O que se vê ainda, entranhada na cultura do país é a herança viva da soberba *criolla*, cegando os olhos da aristocracia nacional para a simbologia protocolar da sua bandeira tricolor, onde o vermelho não deveria apenas significar o sangue dos patriotas que lutaram pela independência, mas também o sangrento calvário mapuche erguendo, entre tantas tribos, o estandarte

solitário da resistência contra os primeiros invasores da pátria. Pendão libertário que nenhum outro povo pré-colombiano da América ousou manter erguido por tão longo tempo, fosse no México ou no Peru, para defender seu território. Conta Neruda:^{vii}

Quando cheguei ao México como flamante Cônsul Geral fundei uma revista para tornar conhecida a minha pátria. O primeiro número foi impresso em impecável relevografia. Colaboraram nela desde o Presidente da Academia até Dom Alfonso Reyes, mestre essencial do idioma. (...) Batizamos-la Araucania. E enchia-lhe a capa o mais formoso sorriso do mundo: uma araucana que exibia todos os seus dentes. Gastando mais do que podia, remeti ao Chile por correio aéreo (...) exemplares separados e registrados ao Presidente, ao Ministro, ao Diretor Consular, aos que me deviam, pelos menos, uma felicitação protocolar. Passaram as semanas e não havia resposta. Esta, porém, chegou. Foi o funeral da revista. Dizia apenas: "Mude-lhe o título ou suspenda-a. Não somos um país de índios. Não, senhor, nada temos de índios - -- disse-me nosso embaixador no México (que parecia um Caupolicán redivivo) quando me transmitiu a mensagem suprema. São ordens da Presidência da República. Nosso presidente de então --- talvez o melhor que temos tido ---, Dom Pedro Aguirre Cerda, era o retrato vivo de Michimalonco." ^{viii}

Diante de um depoimento tão humilhante para a consciência indígena, convém lembrar o que escreveu, em

1961, o filósofo existencialista francês Jean-Paul Sartre, ao iniciar o prefácio do grande livro *Os Condenados da Terra*, de Frantz Fanon:^{ix}

Não faz muito tempo a Terra tinha dois bilhões de habitantes, isto é, quinhentos milhões de homens e um bilhão e quinhentos milhões de indígenas. Os primeiros dispunham do Verbo, os outros pediam-no emprestado. Entre aqueles e estes, régulos vendidos, feudatários e uma falsa burguesia pré-fabricada serviam de intermediários.^x

O livro de Fernando Alegria, lançado sete anos antes do *Canto General*, foi, por certo, o primeiro clarim que soou no Século XX para despertar a memória esquecida da glória araucana, numa sociedade onde não era mais segredo para a opinião pública que os governos conservadores ocultaram a verdade sobre os indígenas e fraudaram as estatísticas ao diminuir o número de seus habitantes.^{xi} Não sabemos até que ponto suas páginas despertaram no país o sentimento indigenista, mas não há dúvida que foi com os versos do *Canto General*, e o caráter político de suas denúncias, que todo este indesculpável fenômeno cultural começou a ser revisto. O genial poema de Neruda, partindo da literatura, invadiu intencionalmente as fronteiras da história, evocando o passado para sacudir os historiadores de sua indiferença ou seu desprezo por uma memória de lutas que inaugurou a história do Chile, no único binômio de resistência e invencibilidade, contra os invasores espanhóis no continente. Em 1971, quando recebeu o Nobel de Literatura, Neruda deixou explícito em seu discurso sua mágoa de cidadão ao dizer que:

"Herdamos a vida lacerada dos povos que arrastam um castigo de séculos... povos que rapidamente foram arrasados e emudecidos pelas épocas terríveis do colonialismo que ainda existe.

Quatro anos depois, nas primeiras páginas de sua autobiografia, ele fala comovido de sua infância em "*minha Araucanía natal*", e conta que:

Temuco era o posto avançado da vida chilena nos territórios do sul do Chile, isso significava uma longa história de sangue. Acossados pelos conquistadores espanhóis, depois de trezentos anos de luta, os araucanos se retiraram até àquelas regiões frias. Mas os chilenos continuaram o que se chamou "pacificação da Araucanía", isto é, a continuação de uma guerra a sangue e fogo para despossar nossos compatriotas de suas terras. Contra os índios todas as armas foram usadas com generosidade: disparo de carabina, incêndio de suas choças, e depois, de forma mais paternal, empregou-se a lei e o álcool. O advogado se tornou especialista também na espoliação de seus campos, o juiz os condenou quando protestaram, o sacerdote os ameaçou com o fogo eterno. E, por fim, a aguardente consumou o aniquilamento de uma raça soberba cujas proezas, valentia e beleza Alonso de Ercilla, em seu *Araucana*, deixou gravadas em estrofes de ferro e jaspe.^{xii}

Soa inacreditável dizer aqui que somente com a publicação do *Canto General*, em 1950, somado ao seu prestígio já mundial de poeta, é que se começa a dar atenção

à presença mapuche na história do Chile e da América Latina. Mas, na verdade, excetuando-se *La Araucana*, o *Canto General* é a obra poética com a maior sequência de versos que, somados em 17 poemas, falam dos invasores e dos heróis da resistência indígena ao sul do rio Biobío. Neruda, como todo grande poeta, tem um profundo sentimento da história e de seu povo. O que ele fez de extraordinário foi tirar do esquecimento os fatos que a história tragou. Trouxe, com seus versos, tudo o que aconteceu no século XVI na região de Temuco, recordando que a doentia obsessão dos espanhóis pelo ouro encontrou num povo pobre mas invencível, uma fronteira intransponível para a sua ganância.

4. Luís de Valdivia: o jesuíta que defendeu os araucanos junto ao Rei da Espanha

Esse relato sobre os trezentos anos de resistência do povo mapuche não estaria completo sem mencionar uma voz que se levantou em sua defesa quando a coroa espanhola, humilhada por tão heroica resistência, decretou a escravidão indígena no Chile. Como foi dito anteriormente, no fim do século XVI as forças do *toqui* Pelanterú levaram a morte ao governador Oñez de Loyola, na célebre batalha de Curalaba, que quase pôs em cheque o domínio espanhol no Chile, já que no seu rastro todas as cidades no sul se perderam. Santa Cruz, Valdivia e Imperial foram totalmente arrasadas, Chillán incendiada e somente Osorno resistiu. Em vista desse desastre, o governo espanhol não só reforçou militarmente as fronteiras do rio Biobío com um exército permanente e autossuficiente na região, como decretou em 1608, a escravidão a todos os índios araucanos maiores de dez anos e à índias maiores de nove anos e meio. A medida, em vez de amedrontar sua belicosidade, gerou uma furiosa revolta

indígena, levando a uma nova fase da guerra, com um nível de crueldade inimaginável em ambos os lados.

Foi neste contexto que surgiu na história o padre jesuíta Luis de Valdivia, que chegara ao Chile em 1605. Perplexo com o rastro de sangue e a quantidade de vítimas que deixava a guerra, e levantando sua voz contra a escravidão, demonstrou perante os governantes que a revolta indígena era motivada pelo tratamento desumano no trabalho forçado, pela perversidade com que eram ministrados os castigos, pelas mutilações físicas, a marcação a ferro em brasa e as mortes nas minas por inanição. Ressalvando apenas a defesa das regiões já ocupadas pelos espanhóis, argumentava que era contra a guerra de conquista aos territórios indígenas porque esses, desde tempos imemoriais, sempre viveram na região e que ali nasceram herdeiros da terra e da liberdade.

Com essa bandeira visitou o vice-rei de Lima e o Rei da Espanha, conseguindo, em 1612, a suspensão da escravidão, o perdão dos rebeldes e a proibição aos militares de avançarem para o sul, cruzando a fronteira natural do Biobío. Nomeado visitador geral das províncias do Chile, e apesar dos seus esforços para evangelizar a região, as hostilidades entre araucanos e espanhóis continuaram, levando o rei Felipe IV a decretar, em 1628, a volta da guerra ofensiva e a escravidão dos índios rebeldes. O gesto do jesuíta Luis de Valdívía, porém, significou um momento de paz e um ato de esperança no dramático que palco de guerra da história araucana. Sua defesa intransigente do indígena e a imagem pacificadora lembram, um século antes, o grande papel desempenhado pelo dominicano Bartolomeu de Las Casas, precursor da evangelização no continente, e cuja defesa aos índios, na Espanha, sensibilizou o próprio imperador Carlos V, quando denunciou à corte as atrocidades que se praticavam contra os nativos. Em sua luta sem tréguas, em defesa do indígena

centro-americano e mexicano, enfrentou a oposição dos próprios teólogos católicos e a perseguição dos colonizadores espanhóis de São Domingos, Nicarágua, Guatemala e México.

5. Os araucanos na voz dos grandes poetas

Além dessa honrosa exceção, é lamentável concluir que, nesses quinhentos anos, foram os poetas os que mais fizeram justiça à grandeza da raça mapuche: Alonso de Ercilla, Ruben Dário, Fernando Alegria, Pablo Neruda, Gabriela Mistral e os poetas mapuches contemporâneos Elicura Chihuailaf (Quechurehue,1952) e Leonel Lienlaf (Alepue,1969) para citar somente os que estudei. O primeiro, ironicamente, foi um soldado espanhol, que, no meio de uma guerra tão sangrenta, escreveu a história sem a cega animosidade de inimigo e, com os olhos generosos da poesia vislumbrou para a posteridade toda a beleza da resistência e da coragem de um povo entrincheirado em seu próprio destino. Neruda, poeta universal, glorificou poeticamente o passado indígena do seu país denunciando o vergonhoso silêncio da sua historicidade e anunciando ao Chile, à América e ao mundo, que é impossível amordaçar para sempre o grito de um povo pela sua liberdade.

O poeta mapuche Elicura Chihuailaf Nauelpán, referindo-se aos heróis e mártires do seu povo afirma que eles:

Têm mudado a história para nós, claro. Os "livros oficiais" dizem que são outros os que a fizeram e a seguem fazendo por nossos povos. Os heróis desta história, em um mundo "civilizado" no que já não devesse os ter, são os invasores. Mas Caupolicán empalado, enfrentando-os, representa o suplício de

nosso passado, que entra ardendo em nossos corações. Lautaro é o futuro que vislumbramos, por trás da cortina do mistério e do compromisso, e que sairá como a luz de nossos olhos.^{xiii}

Escrevendo sobre sua experiência de vários anos junto aos mapuches, a jornalista chilena Malú Sierra, em sua aprofundada pesquisa sobre os indígenas do Chile, registrou em seu livro, *Mapuche, gente da la tierra*, o papel relevante dos poetas, no reconhecimento da originalidade desse povo. Citando inicialmente Alonzo de Ercilla y Zúñiga, como o primeiro que cantou com admiração suas façanhas guerreiras, comenta que:

Los historiadores chilenos, los misioneros católicos, y más tarde los investigadores de diversas ciencias, pusieron todo su empeño en descifrar su pensamiento. Antropólogos, sociólogos, etnólogos y lingüistas me entregaron un mapa indispensable. Pero siempre los poetas fueron los más certeros. Neruda, una vez más, que me llevó de la mano a través de su Canto General".^{xiv}

E, referindo-se ao poeta mapuche Leonel Lienlaf, de quem colheu importantes informações para seu livro, continua Malu Sierra:

Y luego este joven poeta mapuche que me mostró en el terreno lo que las teorías no dicen. Leonel no dejó nunca pasar mis comparaciones. Durante los años que demoró mi trabajo sobre la cosmovisión indígena fui conociendo en forma paralela a aymaras y mapuches, y alguna vez le dije que a mí

parecía que la falta de grandiosos monumentos, como los exhiben las culturas alto andinas del norte, mostraba un grado de evolución inferior respecto de la raza mapuche. Como gallo de pelea, henchía el pecho y me rebatía:

Yomido el grado de evolución por la cuestión intelectual. Todo lo que se dio en las culturas de la alta civilización en América tuvo un defecto: habían logrado establecer un orden jerárquico similar al de Europa. Un defecto, desde mi punto de vista, porque esa fue una de las causas porque se rindieron de inmediato. Cayeron debido a que había un poder político que, como tal, estaba expuesto a la corrupción. Confirma mi teoría de que toda organización estructurada de esa manera modelo de los incas, de los mayas, de los aztecas no tiene conciencia de libertad. Es cierto que su capacidad creativa estaba más desarrollada, y con una espiritualidad más avanzada que la que existe ahora. Pero lo interesante es que los pueblos del sur, que aparentemente no tenían una organización política, resistieron trescientos años, y más, porque había un concepto de libertad diferente. No eran esclavos unos de otros. La libertad no es un valor así no más. Los mayas, los aztecas, los incas, endiosaron a los españoles. Los recibieron como a dioses y por eso se debilitaron. En cambio, los pueblos "primitivos" e "involucionados" del sur, no lo hicieron. El mapuche fue capaz de contemplar los acontecimientos, de cuestionarlos inteligentemente, y de enfrentar a los intrusos que eran mucho más fuertes; que traían armas de fuego, caballos y maquinarias.^{xv}

Ante o espírito deste capítulo quero aqui ressaltar uma honrosa exceção entre os historiadores chilenos contemporâneos que tenho estudado. Trata-se de José Bengoa, cuja considerável obra historiográfica transformou numa eloquente denúncia o drama silenciado dos mapuches. Sua bandeira balança no mastro imperecível da esperança, agitada pela brisa que vem bafejando a nova historiografia do Chile. Eis as palavras com que ele inicia a *Presentación* de sua *Historia del pueblo mapuche*:

Esta es una historia de la intolerancia. Acerca de una sociedad que no soporta la existencia de gente diferente. De un país español, criollo europeo, cristiano occidental, que se dice civilizado y trata de acabar con los bárbaros, los salvajes, los hombres que deambulaban libremente por las pampas y cordilleras del sur del continente. Ellos se defendieron del salvajismo civilizado; hicieron lo que pudieron, vivieron como mejor supieron, pelearon hasta el cansancio, y terminaron por morir y ser vencidos por el progreso. Entró el ejército, lo siguieron el ferrocarril y los colonos que venían a "hacerla América", sin percatarse siquiera de lo que allí había ocurrido. Esta guerra inicua, que nuestros gloriosos ejércitos republicanos emprendieron en la segunda mitad del siglo pasado, fue guiada por la intolerancia: el derecho de quien se cree civilizado a combatir la barbarie, en nombre de banderas y santos coronados de las mitologías del progreso de la humanidad.

La historia de los que no aceptaron ha sido silenciada. Hay, al parecer, una definida tendencia a

identificar la historia humana con la historia de los vencedores; los vencidos -- tantas veces percibidos como bárbaros -- no suelen tener historia, o su historia es absorbida por el triunfalismo de los vencedores. Quedan así en la memoria, cuando han quedado, como curiosas especies que no lograron sobrevivir, o perdiendo la propiedad de sus aportes al desarrollo del hombre, u ocupando un lugar en la mitología del vencedor, donde personifican fantasmales fuerzas del mal, del pasado, de la monstruosidad que el progreso de los pueblos debe desterrar. Es lo sucedido con el pueblo mapuche en nuestras historias, las que nos han hecho olvidar que en él había familias, amores, sentido de honor, moral intachable; en fin, vida humana en toda su complejidad.”^{xvi}

6. A memória e os monumentos aos caudilhos mapuches

Quando, no século XVIII, as ideias iluministas e a revolução francesa fizeram ruir o absolutismo na península ibérica e a independência das colônias inglesas na América do Norte espalharam pelo continente as sementes da liberdade, a sombra grandiosa de Lautaro, Caupolicán, Galvarino e Pelanterú surgem como símbolos de luta entre os heróis anônimos do povo chileno, para comandar os novos guerreiros da independência. No Chile eles se chamavam “os rotos”. Foram os que caíram em Rancagua em 1814 e três anos depois se reergueram em Chacabuco. Foram os que seguiram a saga guerrilheira de Manuel Rodrigues, até seu assassinato e os que integraram as tropas libertadoras de Bernardo O’Higgins. E quando outras pátrias americanas uniram seus

punhos para derrotar o invasor espanhol, um símbolo poderoso de luta uniu unanimemente os heróis da independência americana. O general San Martín, à frente dos exércitos da Argentina e do Chile, organizou em Mendoza uma instituição secreta que, homenageando Lautaro, abraçou todo o continente, recrutando os melhores soldados da independência.

Esse grupo fechado, que defendia a honra de um modo quase fanático e que colocava o heroísmo acima de quaisquer virtudes humanas, chamou-se Loja Lautariana. O nome do jovem chefe araucano foi para San Martín e para seus companheiros o melhor símbolo da causa por que lutavam. Uma vida inteiramente devotada à mais santa das cruzadas, desprezando perigos, enfrentando a morte a todo instante, conduzindo um povo inteiro pelo caminho do sacrifício sem nunca falhar, sem trair, sem recusar combates, defendendo-se até o momento de morrer, tal foi a vida de Lautaro.^{xvii}

Nesta linha de novas pesquisas e muitas investigações, é que se tem retirado do esquecimento a história apaixonante do povo mapuche. Só muito recentemente têm sido reconhecidas suas históricas proezas, sua saga guerreira e sua inteligência militar, com surgimentos de ruas, parques, teatros, estádios, estátuas e monumentos, em honra de seus grandes caudilhos. O *Clube Social e Desportivo* de futebol, Colo Colo, fundado em 1925, em homenagem ao grande cacique araucano e o grande *Teatro Caupolicán*, o primeiro recinto de espetáculos em nível internacional da capital chilena, inaugurado na década de 40, são os primeiros grandes preitos

nacionais, pela memória das lutas contra os espanhóis no século XVI, e como precursores da independência do Chile. Na moderna estação central do Metrô de Santiago o gigantesco mural do pintor Mario Toral, chamado "Memoria Visual de una Nación" retrata, nas extraordinárias alegorias dos pais da pátria, as imagens guerreiras de Lautaro e Caupolicán.

Não há paralelo, no palco das lutas seculares dos povos indígenas da América, de um drama tão épico e fascinante, tão trágico e vergonhoso para uma nação, como não há, na história das lutas libertárias em todo o mundo e em todos os tempos, um exemplo mais digno, mais aguerrido e mais longo^{xviii} do que os quinhentos anos de resistência com que o povo mapuche escreveu o seu combativo destino, mantendo inalterável sua identidade e seu espírito de invencibilidade.

7. Indigenismo e mestiçagem

Numa visão mais ampla do indigenismo, a esquerda latino-americana, notadamente nos países andinos e no México, procurou resgatar a grandeza do passado indígena no equivocado conceito de uma mestiçagem revolucionária, propondo uma fusão cultural em que o ideal de uma nação socialista e proletária dificilmente poderia preservar a condição cultural do índio, mas geraria uma bastarda mestiçagem, como resultado da fusão da civilização ocidental e do indigenismo americano. Essa era já a visão crítica e antecipada de José Carlos Mariátegui, para quem o problema do índio tem suas raízes nos regimes de propriedade agrária (encomendas) instaurado pela conquista, destruindo a economia comunitária e a propriedade coletiva da terra -- em que se privilegiava a condição econômica e política do índio pelo preço e o desterro de sua cultura, ou seja, oferecia-se-lhe os novos trajes da homogeneidade social em troca da sua

milênar diversidade cultural, herdada de suas origens pré-colombianas. Mas, ressaltado o avanço ideológico na descoberta da alteridade indígena, o bem intencionado sonho socialista de um mestiço como protótipo de um "homem novo" não conseguiu arrancar os povos indígenas de sua histórica condição de explorados, vendo, cada vez mais, todas as portas fechadas para sua cultura e seus reiterados anseios de serem aceitos, não como uma simples etnia, mas como um povo.

Essa luta dura e persistente para manter sua identidade é o traço predominante do povo mapuche, obrigado a sobreviver sob as fortes influências espanholas, *crioullas* e mestiças, recebidas desde o período da conquista. Diferente dos indígenas dos Andes centrais, os mapuches sempre preservaram uma clara consciência de sua identidade e este tem sido o traço marcante de sua diferença entre os povos indígenas do continente.

8. Allende, Pinochet e a questão indígena

Para finalizar, cabem aqui duas colocações. Quando retornei ao Chile, em meados de dezembro de 1971, a exemplo da "Primavera de Praga" em 1968, desabrochavam, no país inteiro, as mais belas flores do socialismo continental e seu perfume ideológico recendia a amor social e justiça. Respirava-se um tempo novo -- tanto no Chile como em todo o continente que eu acabara de percorrer -- e nessa estação da esperança os mapuches, depois de 400 anos, começaram a sonhar com suas terras e a liberdade. Dentre as grandes mudanças estruturais, prometidas e cumpridas por Salvador Allende, a promulgação, no ano seguinte, da Lei Indígena nº 17.729, assegurava a devolução de suas terras usurpadas e a incorporação do camponês indígena ao processo de reforma

agrária. Durante o governo da Unidade Popular, os mapuches em particular, e o movimento indígena como um todo, pela primeira vez, na história política do país, receberam das autoridades nacionais o pleno reconhecimento dos seus direitos como cidadãos e a plena receptividade para suas antigas demandas territoriais. A nova legislação reconheceu a diversidade cultural do índio. Foi criado o Instituto do Desenvolvimento Indígena, focado na promoção sócio-econômica, educacional e cultural de várias etnias chilenas. O problema da terra indígena, afetada pelas expropriações e as titulações da reforma agrária, iniciada pelo governo de Eduardo Frei Montalva, priorizando o minifúndio, foi reconsiderado, impedindo a divisão de suas terras e a recuperação de outras terras indígenas *sub judice*. A nova política agrária da Unidade Popular enfatizava a ampla defesa das comunidades indígenas contra qualquer tipo de usurpação, atual e futura, de suas terras e cujo foco principal era a prioridade na resolução das demandas mapuches, pela recuperação das terras há muito tempo perdidas ao sul do Biobío por uma titulação espúrea e arbitrária. Este movimento conhecido na época como "Cautinazo" e liderado pelo próprio ministro da Agricultura da época, Jacques Chonchol, levou-o a instalar seu ministério em Temuco, onde a dimensão das terras mapuches, usurpadas pelos grandes proprietários, atingiam cifras que envergonhavam a consciência nacional. Foi naquela região, sob a liderança dos mapuches, que se iniciou a reforma agrária proposta por Allende, e deve-se a eles a criação dos primeiros sindicatos do país.

Estas mudanças e avanços que testemunhei, de cujo entusiasmo compartilhei com tantos companheiros chilenos e que marcaram uma aurora político-social num tempo de esperanças para os indígenas do Chile, foram brutalmente interrompidos pela ditadura militar, interditando organizações

nascentes e o sonho de ampliar os territórios indígenas. Os mapuches tiveram suas comunidades "legalmente" divididas e foram induzidos à "integração" social, num maquiavélico projeto de genocídio cultural, cuja legislação pregava "*que no Chile não há indígenas, são todos chilenos*".

Já muito antes do golpe militar de 1973, quando o governo de Allende começou a devolver as terras indígenas, a burguesia agrária, no sul do Chile, numa reação criminosa de resistência à nova legislação, criou comandos armados e levou a cabo muitas ações violentas, retomando terras com grupos paramilitares que levaram o terror e a morte aos mapuches, em toda a região da Araucânia.

De las 40 organizaciones mapuches que existian hacia fines del año 1972 y que en diversos niveles representaban al pueblo mapuche, nada se supo de ellas ni de sus dirigentes después del golpe militar de 1973, desapareciendo por completo el movimiento indígena nacional, corriendo la misma suerte que el movimiento social y popular chileno en general.^{xix}

Assim, a repressão militar que se instalou no país, não só anulou todas as conquistas territoriais dos mapuches, como também liquidou suas comunidades e promoveu a perseguição, a prisão, a tortura e o fuzilamento dos seus líderes.

A tentativa de silenciar culturalmente os mapuches gerou, com o fim da ditadura militar, uma forte reação de sobrevivência de sua identidade, restabelecendo-se as velhas demandas territoriais e o histórico conflito entre sua diversidade cultural e a nacionalidade chilena. O Chile atual não pode continuar esquecendo onde nasceu. Nasceu na

lança libertária de Lautaro, no martírio silencioso de Caupolicán, nas mãos decepadas de Galvarino e no desespero de Arésia, atirando seu filho no penhasco. O Chile nasceu no palco da tragédia, nasceu nos narizes e orelhas cortadas e com cada araucano que morreu pela sua liberdade. A Araucânia foi o calvário desse drama, onde um mar de lágrimas inundou os seus cenários e onde os rios de sangue ainda afogam os que ousam protestar. A história dos mapuches é uma história de heroísmo, dor e sofrimento. É a história de um povo criminalizado pela sua resistência, desterrado no esquecimento, excluído e estigmatizado com o desprezo por seus próprios "irmãos" compatriotas, identificados com uma elite que nunca escondeu e não esconde a sua persistente intenção de exterminá-los em nome do progresso. A história dos mapuches é a história de um holocausto. O maior holocausto, na trágica história dos povos indígenas da América. A grande poetiza chilena, Gabriela Mistral, glorifica o seu passado e profetiza o seu renascimento:

Ellos fueron despojados,
pero son la Vieja Patria,
el primer vagido nuestro
y nuestra primera palabra.
Son un largo coro antiguo
que no más ríe y ni canta.
Nómbrala tú, di conmigo:
brava gente araucana.
Sigue diciendo: cayeron.
Di más: volverán mañana. ^{xx}

Sim, eles foram despojados e caíram e, apesar de um longo calvário, estão de volta. Essa invejável perseverança,

essa trincheira reaberta e essa invencível identidade de 500 anos é ainda a mágica bandeira de luta dos antigos araucanos que agora, orgulhosamente, voltaram a chamar-se mapuches. Até quando permanecerá esse impasse, que continua aberto até o momento em que escrevo estas linhas, neste dezembro de 2009? ^{xxi}

(*) Este ensaio integra o texto do livro *NOS RASTROS DA UTOPIA: Uma memória crítica da América Latina nos anos 70*, publicado em 2014 pela Escrituras Editora. As notas e traduções são do autor.

ⁱ MACKENNA, Vicuña Benjamin. *Op. cit.*.

ⁱⁱ ALEGRIA, Fernando. *Op. cit.*, p.136/137.

ⁱⁱⁱ GALEANO, Eduardo. *Memória do Fogo*. Trad. Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, t.I., p.15.

^{iv} NERUDA, Pablo. *Para nascer nasci*. Trad. Rolando Roque da Silva. São Paulo: Difel, 2ª ed., 1980, p. 240.

^v SALAZAR, Gabriel e PINTO, Julio. *Historia contemporanea de Chile*. Santiago, LOM Ediciones, 1999, vol. 2, p. 137.

"No Chile existem comunidades cuja língua, religião, valores e história diferem do resto da população. Desde muitos séculos ocupam (e identificam-se) com o mesmo território. Eles são conhecidos pelo nome de etnias indígenas: aymara, mapuche, qawasqar yámana, quechua, colla, atacamenhos e rapa nui.

Culturalmente, os membros de uma etnia sentem-se diferentes e assim são vistos pelos demais. Eles têm consciência de pertencer a uma comunidade cuja cultura nutre uma espécie de " honra coletiva" que está acima de considerações de classe, pois que dela participa qualquer membro do grupo étnico, independentemente da sua posição social.

O Estado chileno reconhece a existência de grupos étnicos, mas não de povos indígenas. (...) Em contrapartida, as organizações indígenas e os defensores dos direitos indígenas, argumentam que os grupos étnicos se constituem povos, pela história, identidade étnica, religiosa, linguística e territorial."

^{vi}SALAZAR, Gabriel e PINTO, Julio. *Opus cit.*, p. 138.

"No entanto, apesar de séculos de discriminação etnocida e também genocida, as culturas indígenas não desapareceram. No último censo (1992), mais de um milhão de pessoas disseram sentir-se identificadas com alguma das etnias indígenas que habitam o território, especialmente a mapuche ".

^{vii}Idem, p.240-1.

^{viii}Machimalonco ou Machimalonko foi um cacique *picunche* do Vale do Aconcágua. Nascido em 1500, contam os cronistas que se educou em Cusco e acolheu o primeiro espanhol que pisou no Chile, chamado Gonzalo Calvo de Barrientos. Em 1541 invadiu Santiago, recém-fundada por Pedro de Valdivia e foi um dos chefes indígenas que iniciaram a luta contra os espanhóis. Era muito temido, mas depois de muitos reveses, em 1549 se uniu a Pedro de Valdivia, na batalha de Andalién, traíndo a causa da resistência indígena e lutando contra seus irmãos araucanos. Em 1550, foi morto pelo espanhol Jerônimo de Alderete, ao supor que ele estava traíndo os espanhóis.

^{ix} Frantz Fanon (1925-1961) foi um escritor e ensaísta negro, nascido na Martinica. Estudou em Paris e como psiquiatra militar, presenciou horrorizado o que o exército francês fazia na Argélia, durante a guerra colonial. Militante da Resistência argelina, foi, por certo, o maior pensador anti-colonialista do século XX. Seu livro, *Les damnés de la terre*, editado em 1961, priorizando os fatores raciais e questionando a visão colonialista da própria esquerda, foi um testemunho dramático das consequências culturais e sociais do colonialismo. Entre outras dramáticas disse ele: “*Eu, o homem de cor, quero apenas uma coisa: que jamais o instrumento domine o homem. Que cesse para sempre a servidão de homem para o homem.*” Sua obra, *Os condenados da terra*, foi um dos grandes livros da minha formação intelectual e foi uma das bíblias ideológicas de todos aqueles que nas décadas de 60/70 sonhavam com uma sociedade justa e democrática.

^x FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1979, p. 3.

^{xi}Atualmente, a despeito dos números oficiais, calcula-se que mais de um milhão e meio de mapuches vivem sob as leis chilenas e argentinas. Pelo censo de 2002, viviam no Chile 604.349 mapuches, ou seja, 4% da população do país e 87,3% da população indígena. Na Argentina calcula-se que em torno de 300.000 vivem nas províncias de Neuquén, Rio Negro e Chubut.

^{xii} NERUDA, Pablo. *Confesso que vivi. Memórias*. Trad. Olga Savary. São Paulo: Difel. 1979, p. 8.

^{xiii} http://pt.wikilingue.com/es/Elicura_Chihuailaf - Acesso em 10-12-2010 às 23:05.

^{xiv} SIERRA, Malú. *Mapuche, gente de latierra*. Santiago: Editorial Sudamericana, 2000, p. 12-13.

“Os historiadores chilenos, os missionários católicos, e mais tarde os investigadores de diversas ciências, puseram todo seu empenho em decifrar seu pensamento. Antropólogos, sociólogos, etnólogos e linguistas forneceram-me um mapa indispensável. Mas os poetas sempre foram os mais certos. Neruda, uma vez mais, foi quem me levou pela mão através do seu *Canto General*”.

^{xv} SIERRA, Malú. *Opus cit.*, p. 13

"E então este jovem poeta mapuche mostrou-me na prática o que as teorias não dizem. Leonel nunca deixou passar minhas comparações. Durante os anos que durou meu trabalho sobre a cosmovisão indígena fui conhecendo de forma paralela a aymaras e mapuches, e quando lhe disse que para mim parecia que a ausência de grandes monumentos, como os que exibem as culturas alto-andinas do norte, mostraram um grau de desenvolvimento inferior em relação à raça mapuche. Como um galo de briga, inchava o peito e me rebatia:

Eu meço o grau de evolução pela questão intelectual. Tudo o que ocorreu nas culturas de alta civilização na América, tinha um defeito: haviam conseguido estabelecer uma hierarquia semelhante à da Europa. Uma deficiência, do meu ponto de vista, porque essa foi uma das razões porque se renderam imediatamente. Caíram porque eles tinham o poder político que, como tal, estava exposto à corrupção. Confirma a minha teoria de que toda organização estruturada dessa maneira - o modelo dos incas, dos maias, dos astecas - não tem consciência da liberdade. É verdade que sua capacidade criativa estava mais desenvolvida, e com uma espiritualidade mais avançada do que a que existe agora. Mas o interessante é que os povos do sul, que aparentemente não tinham uma organização política, resistiram 300 anos, e mais, porque havia um conceito de liberdade diferente. Não eram escravos uns dos outros. A liberdade não é um valor, simplesmente. Os maias, os astecas, os incas, endeusaram os espanhóis. Eles os receberam como deuses e por isso se enfraqueceram. Já com os povos "primitivos" e "atrasados" do

sul deu-se o contrário. Os mapuches foram capazes de analisar os acontecimentos, de questioná-los com inteligência, e de enfrentar os invasores, que eram muito mais fortes; que traziam armas, cavalos e máquinas. "

^{xvi} BENGOA, José. *Historiadelpueblomapuche*, p. 9.

Esta é uma história da intolerância, acerca de uma sociedade que não suporta a existência de gente diferente. De um país espanhol, crioulo europeu, cristão, ocidental, que se diz civilizado e trata de acabar com os bárbaros, selvagens, os homens que perambulavam livremente nos pampas e cordilheiras do sul do continente. Eles defenderam-se da selvageria civilizada, fizeram o que puderam, viveram como melhor souberam, lutaram até a exaustão, e terminaram mortos e vencidos pelo progresso. Entrou o exército, em seguida a estrada de ferro e os colonos que vinham "fazer a América", mesmo sem perceber o que ali já tinha acontecido. Esta guerra iníqua, que nossos gloriosos exércitos republicanos empreenderam na segunda metade do século passado, foi guiada pela intolerância: o direito de quem acredita ser civilizado combater a barbárie, em nome de bandeiras e santos coroados com as mitologias do progresso da humanidade.

A história dos que não aceitaram foi silenciada. Há, aparentemente, uma tendência a identificar a história humana com a história dos vencedores; os vencidos - muitas vezes percebidos como bárbaros - não costumam ter história, ou sua história é absorvida pelo triunfalismo dos vencedores. Ficam apenas na memória, quando chegam a ficar, como curiosas espécies que não conseguiram sobreviver, ou perdendo o domínio de suas contribuições para o desenvolvimento do homem, ou ocupando um lugar na mitologia do vencedor, onde personificam as forças fantasmagóricas do mal, do passado, da monstruosidade que o progresso dos povos deve desterrar. Foi o que aconteceu com o povo mapuche em nossas histórias, as que nos fizeram esquecer que nele havia família, amores, senso de honra, uma moral inatacável; enfim, havia a vida em toda a sua humana complexidade."

^{xvii} ALEGRIA, Fernando. *Op. cit.*, p. 138.

^{xviii} NERUDA, Pablo, *op. cit.*, p. 64. "Então Valdívia, o verdugo, / atacou a fogo e morte. Assim começou o sangue, / o sangue de três séculos, o sangue oceano, / o sangue atmosfera que cobriu a minha terra / e o tempo imenso, como nenhuma guerra."

^{xix} RUPAILAF, Raúl. *Las organizaciones mapuches y las políticas indigenistas del Estado chileno(1970-2000)* Citado por José Bengoa. *Op. cit.*, p. 419.

"Das 40 organizações mapuche que existiam até fins de 1972 e que em vários níveis representavam o povo mapuche, nada mais se soube, nem de seus líderes após o golpe militar em 1973, desaparecendo completamente o movimento indígena nacional, tendo a mesma sorte que o movimento social e popular chileno em geral. "

^{xx}. Fragmento do poema *Araucanos*, de Gabriela Mistral.

"Eles foram despojados, /contudo são a Velha Pátria. nosso primeiro vagido /e a nossa primeira palavra. / São um grande coro antigo / que ja não ri e nem canta / Seu nome, diz comigo: /brava gente araucana / e segue dizendo: caíram /diz mais: voltarão amanhã."

^{xxi}Esse trecho sobre o povo mapuche, embora longo, não contém tudo o que gostaríamos de expressar. Os objetivos propostos, nesta obra, limitam-se a um relato itinerante referindo-se, circunstancialmente, à memória de algumas lutas pela liberdade que marcaram o continente desde seu descobrimento e inspiraram, na segunda metade do século XX, alguns movimentos de libertação nacional, como os Tupamaros, -- para citar apenas um exemplo --- que foram buscar seu nome no cacique peruano TúpacAmaru. Não obstante, em relação aos então chamados araucanos, havia um detalhado "depoimento" a ser dado; toda uma história silenciada que é preciso denunciar, acusar os culpados e testemunhar, perante o tribunal da história, a favor de um povo, cuja ferida de quinhentos anos ainda continua aberta, para a vergonha da atual história política e cultural do Chile. Sim, porque este sangue ainda continua a correr, agora com o nome de resistência Mapuche. Como já adiantei, o termo araucano, em desuso na recente contemporaneidade, foi abandonado por se achar que essa denominação foi dada pelos seus inimigos espanhóis com base na palavra *awkaque*, na língua quechua, significa indômito, bravo, rebelde.

Visto num distanciamento de 500 anos e do ponto de vista da história geral da América e da história oficial do Chile, o que se passou com os indígenas, que lutaram contra os espanhóis naquela estreita região ao sul do continente chamada Araucânia, parece carecer de interesse histórico, diante da importância das civilizações inca e asteca. Parece uma página em branco, um ponto escuro, mas para alguns pesquisadores, como para mim, tudo aquilo foi algo surpreendente. Pensemos em mais de um milhão de vidas que lá existiam, usufrindo do encanto de viver, num tempo mágico e numa paisagem quase primitiva, parindo e criando seus filhos, convivendo em paz nas suas aldeias, com suas famílias e seu povo estruturados num invejável código de honra. Uma cultura ancestral transmitida pelos anais da oralidade, os corações com seus sonhos, alegrias e esperanças, seus

amores, suas crenças, sua paixão pela terra, sua liberdade correndo pelos vales, cruzando os rios e vivendo num paraíso entre duas cordilheiras, semeando e colhendo, caçando nas florestas. E, de repente, a invasão, o massacre, a inaudita crueldade, o martírio, a dor suprema, a escravidão nas minas. E depois, bem depois, as terras espoliadas, os massacres mais cruéis, um povo estraçalhado, a pobreza, a miséria, a desesperança, o desprezo e o esquecimento, todos os sofrimentos enredados numa dor suprema. Uma guerra sem fim navegando sobre os rios de sangue. O palco secular de uma interminável tragédia ainda não assistida pelo mundo, à espera de espectadores responsáveis.

Muitas vezes se levantam para testemunhar este holocausto. Eduardo Galeano, que há quarenta anos percorre o Continente, e cujo ofício de escritor tem sido, desde então, denunciar o sangue que continua escorrendo d' "as veias abertas da América Latina", numa dessas viagens, pelo sul do Chile, conta que: "Vindo de Temuco, adormeço na viagem. De repente, os fulgores dapaisagem me despertam. O vale de Repocura aparece e resplandece frente aos meus olhos, como se alguém tivesse aberto, de repente, as cortinas de outro mundo. Mas estas terras já não são, como antes, de todos e de ninguém. Um decreto da ditadura de Pinochet rompeu as comunidades, obrigando os índios à solidão. Eles insistem, porém, em juntar suas pobrezaas, e ainda trabalham juntos, dizem juntos:— *Vocês vivem uma ditadura, há quinze anos* — explicam aos meus amigos chilenos — *Nós, há cinco séculos*.

Nos sentamos em círculo. Estamos reunidos em um centro médico que não tem, nem teve nunca, um médico, nem um estagiário, nem enfermeiro, nem nada.

— *A gente é para morrer, e só* — diz uma das mulheres.

Os índios, culpados por serem incapazes de propriedade privada, não existem.

No Chile não existem índios: apenas chilenos — dizem os cartazes do governo." (GALEANO, Eduardo. *O Livro dos abraços*. Trad. Eric Nepomuceno. 2ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 131)

Os mapuches, na atualidade, desconsiderados, explorados, expulsos de suas terras ancestrais, criminalizados e violados em seus direitos humanos durante a ditadura de Pinochet, uniram, em 2009, suas comunidades para formar uma Aliança Mapuche Territorial, em busca de seus territórios, tomados por indústrias madeireiras, mineradoras e usinas hidrelétricas. A esperança de recuperação de suas terras, com o processo de democratização a partir de 1990, ficou apenas nas intenções. Marginalizados na sociedade, onde são 10% da população, sua justa revolta e reações violentas contra a polícia e as corporações madeireiras têm levado alguns conservadores a acusarem as organizações indígenas de vinculação com as Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia), enquadrando seus membros no estatuto de antiterrorismo implantado por Pinochet. Seu desesperado

grito de socorro não tem tido eco nem dentro da pátria, nem no exterior. Em 2009, uma comissão mapuche foi ao Comitê das Nações Unidas de Eliminação da Discriminação Racial depor contra o governo chileno por “racismo ambiental”, em vista dos projetos de construção de aterros sanitários e usinas de tratamento residuais em território mapuche.

Outra grande voz que se levantou em defesa dos mapuches é a do jornalista Alain Devalpo, que, como repórter independente, não se cansa de denunciar as injustiças ao redor do mundo. Autor do livro *Voyage au pays des Mapuches* (Cartouche, Paris, 2007), ele denunciou, em matéria publicada no site *Le Monde Diplomatique*, em 17 de setembro de 2010, --- quando se tem comentado sobre os 33 chilenos bloqueados numa mina no norte do Chile --- a prisão no sul do país dos 34 mapuches, que, sob uma rigorosa greve de fome desde 12 de julho, protestam contra a legislação antiterrorista criada por Pinochet e ainda em vigor no país, e incompreensivelmente tolerada pela presidenta Michèle Bachelet, que foi presa, torturada e exilada durante a ditadura de Pinochet. A abominável oligarquia do Chile, que voltou ao poder com Sebastian Piñera, o “Berlusconi chileno”, retoma a legislação repressiva de Pinochet para defender seus interesses, em detrimento dos direitos legítimos e históricos dos mapuches à liberdade e a sua territorialidade. Neste sentido o “caso Ralco” tornou-se uma referência internacional, qualificado como o genocídio de uma raça, tendo suas terras inundadas em nome do progresso. Apesar da repercussão nacional e internacional da luta das idosas irmãs Nicolasa e Berta Quintremán, batendo de porta em porta em busca de apoio contra a construção da Hidroelétrica El Ralcopela, nos territórios mapuches (pehuenches) dos Andes chilenos, pela companhia espanhola Endesa, o projeto foi aprovado, pela voracidade dos tantos interesses em jogo.

O terceiro milênio trouxe, em sua extensa agenda de mudanças, o despertar da consciência indígena no mundo inteiro e no Chile tirou os mapuches do esquecimento, onde foram colocados pela própria constituição do país. Não me cabe, porém, nos limites dessas memórias, tratar como quisera da atual questão mapuche, --- desfraldada com a emblemática bandeira do *Consejo de Todas las Tierras* --- e que é, por certo, o mais grave problema político na história contemporânea do Chile.

O que se passa atualmente com a etnia mapuche é uma ignomínia, um genocídio cultural, a lenta execução de um povo que resiste há cinco séculos ao desprezo e ao massacre. Uma história gloriosa de luta contra os invasores do país, esquecida, silenciada e sepultada por interesses inconfessáveis e vergonhosas omissões. Um povo que sobrevive na pobreza, no abandono, na exclusão e na injustiça. Um povo que, a duras penas, conseguiu, por quinhentos anos, preservar

sua identidade. O Chile tem uma dívida de glória nacional com esse povo. Um resgate histórico em relação as suas terras usurpadas. Este povo pede apenas uma imagem de comunidade, visibilidade como um povo, com traços de dignidade, justiça e liberdade. Pede por sua terra natal, pelo direito de viver com autonomia em seu próprio território. Os mapuches pedem socorro à consciência de seus compatriotas, à solidariedade dos latino-americanos, e a justa opinião de todo cidadão do mundo.